

## AS METÁFORAS DE LULA: UMA FORMA DE LEGITIMAÇÃO

Natália Elvira Sperandio (UFSJ)

### Resumo:

O presente artigo possui o objetivo de fazer uma análise do uso metafórico presente no discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A base teórica é feita a partir do diálogo entre a Linguística cognitiva e a Análise Crítica do Discurso.

Palavras-chave: Metáfora, Política e Análise Crítica do Discurso.

**Abstract:** The purpose of this research is to analyze the use of metaphors attendant discourses of President Luiz Inácio Lula da Silva. The theoretical basis combines the studies of Cognitive Linguistics and Analysis Critical of Discourse.

Key words: metaphors, analysis critical of discourse, cognitive linguistics.

### Introdução:

Partindo do pressuposto de que em uma democracia os líderes políticos mobilizam seus seguidores através de seu desempenho discursivo e de que a metáfora seria uma forma preponderante de legitimar ou deslegitimar nossas idéias e ações, pretendemos analisar o papel das metáforas no discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As metáforas, a partir dos estudos em semântica cognitiva, mais especificamente, Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1997), passaram a ser concebidas não mais como um ornamento linguístico, mas como uma figura de pensamento, resultantes de processamento cognitivo. Articulando essa concepção de metáfora a uma abordagem discursiva que não toma a linguagem como uma forma de representar o mundo, mas uma ação sobre o mundo, seus eventos e seus atores, o discurso assume um papel de legitimador sócio, cognitivo e linguístico dessa ação sobre o mundo.

Dessa forma, como a metáfora se define pelo mapeamento de domínios distintos, operando a transferência de traços de um domínio familiar para o desconhecido, o seu uso no discurso político pode refletir o modo como os sujeitos operam na produção e na recepção desses discursos. Compreender esse procedimento implica reconhecer o modo como os elementos do domínio da política podem ser movimentados a partir do domínio dos saberes cotidianos, mais familiares, possibilitando a interface entre o não observável e o observável. Por isso, acreditamos que ao utilizar correntemente expressões metafóricas, o presidente Lula busca produzir sentidos que visa ao entendimento comum, objetivando a aprovação de seus interlocutores, um mecanismo, portanto, de legitimação das ações de seu governo. Como corpus de análise, utilizaremos os discursos da Cerimônia de Lançamento Institucional do Programa Fome Zero e Instalação do Consea e o proferido no III Fórum Social Mundial.

O nosso interesse por esse corpus decorre do fato de Lula ter sido o único presidente das Américas, desde a Segunda Guerra Mundial, que conseguiu obter 80% da aceitação da população de seu país e como o presidente sempre recorre ao uso de metáforas em seu discurso algumas questões começaram a ser levantadas: será que essa aceitação decorre do fato de o presidente sempre recorrer à massa miserável do país através de uma linguagem simples com a utilização frequente de metáforas? Será que isso seria uma espécie de jogo ideológico, para a massa popular que possui dificuldades em entender os conceitos puramente políticos?

Nossa análise está sintetizada em duas partes distintas. Na primeira apresentaremos um breve retrospecto das teorias utilizadas como base teórica e na segunda faremos uma reflexão entre essas teorias e os discursos do presidente Lula escolhidos.

## 1) Linguística cognitiva: metáfora

A Linguística Cognitiva surgiu nos finais da década de 70 e princípios da de 80, impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenômeno da significação e, por outro, pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização.

A linguística cognitiva aborda a linguagem como sendo um meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo. A linguagem, como suas unidades e estruturas, não são vistas como unidades autônomas, mas como manifestação da capacidade cognitiva em geral, organização conceptual, princípios de categorização, mecanismos de processamento e experiência cultural, social e individual.

Seu principal interesse está em temas como: características estruturais de categorização linguística (modelos cognitivos, metáforas, protótipos, polissemia e imagens mentais) interface entre sintaxe e semântica, base pragmática ligada a experiência da linguagem em uso, relação entre linguagem e pensamento e os princípios funcionais da organização linguística.

Dessa forma, ao negar a tese da autonomia da linguagem, a linguística cognitiva nega que haja a separação entre o conhecimento semântico e enciclopédico, negando, portanto, os dois paradigmas anteriores: o estruturalismo e o gerativismo. Mas como então a linguística cognitiva concebe a construção do conhecimento e produção de sentidos? Como colocam Fauconier e Turner (2002) com o final da “era da forma” vamos ter a “a era da imaginação”, ou seja, não são as formas, das palavras e das coisas, que constroem os significados, mas o que está por debaixo delas que é a capacidade humana cognitiva. A partir desse postulado, os autores consideram que a identidade, que antes estava assegurada na “era das formas”, passa a ser questionada quando levamos em consideração a vida mental e entra em cena questões que antes eram desconsideradas como a analogia, as associações, a atividade metafórica e outros aspectos dessa natureza.

Isso nos faz crer, como argumenta Marcuschi (2007), que a maneira pela qual nós dizemos as coisas às outras pessoas decorre da nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sócio-cognitiva através da nossa imaginação em atividades de “integração conceptual” e não apenas da categorização linguística. Como Fauconier e Turner (ibid) observam temos a reabilitação da imaginação como um tópico científico que reflete a inter-relação da “identidade, imaginação e integração”. Dessa forma, o mundo que comunicamos é fruto de um agir comunicativo imaginativo e construtivo e não da identificação de realidades discretas e determinadas formalmente.

Assim, com os estudos realizados na linguística cognitiva percebemos que é a nossa capacidade cognitiva que nos faz atribuir as unidades a um determinado objeto, já que são nossos cérebros e corpos que nos fazem atribuir esse status a ele, portanto, estamos trabalhando com objetos de discurso e não de mundo. Como Marcuschi (ibid) argumenta da mesma forma que não podemos considerar que haja uma relação direta entre linguagem e mundo, a cognição e a linguagem também não estão correlacionadas de forma biunivocamente. A cognição é resultado de uma operação cooperativa sobre o mundo, um esforço para construí-lo discursivamente.

Como base nas proposições acima, podemos considerar que não há categorias naturais, já que não temos um mundo categorizado naturalmente. Como observam Fauconier & Turner (ibid) os significados vão ser resultados de mesclagens conceptuais. Assim, “o mundo da experiência sensorial simplesmente não tem uma face externa diretamente palpável, seja aos nossos sentidos ou teorias. Todas as nossas expressões do mundo é uma articulação inferencial na base de categorias ou de conceitos” (MARCUSCHI, 2007, p.89).

Podemos implicar, a partir dos pressupostos acima, que como os nossos conhecimentos e significados são frutos de mesclagens conceptuais não podendo ser considerados resultados da forma das coisas, mas como consequência da nossa capacidade cognitiva, a categoria escolhida, a metáfora, pode ser considerada um exemplo de mesclagem. Isso decorre do fato de a metáfora ser considerada uma analogia sistemática e coerente entre uma estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todos os conhecimentos relevantes que estão associados aos conceitos. A metáfora é unidirecional: através dela somos capazes de conceitualizarmos domínios abstratos em termos de domínios concretos e familiares. Faremos agora um breve retrospecto da metáfora.

## 1.2) A metáfora:

Desde a antiguidade clássica a metáfora era vista como uma figura de linguagem, que possuía como finalidade embelezar textos e discursos. Essa visão, que possui raízes no pensamento aristotélico, sob a ótica da Retórica possui como finalidade a persuasão e na perspectiva Poética a criação de efeitos estéticos agradáveis. Assim, podemos verificar que Aristóteles tratou a questão da metáfora em duas obras: *Arte Retórica* e *Arte Poética*. O que nos interessa ressaltar é que nas duas obras o autor trabalhou a metáfora como sendo linguagem figurada, associada à imaginação e estando em contraste ao que era considerado como linguagem da verdade científica e filosófica: a literal.

Mas a partir do século XX essa postura de considerar a metáfora como ornamento linguístico passou a ser questionada. A linguagem passa a ser vista não apenas mais como representando a realidade, mas também a construindo, por isso, torna-se inviável considerarmos a relação dicotômica entre linguagem literal e metafórica. Dessa forma, a metáfora já não apresenta mais um determinado domínio em termos do outro, não há mais uma comparação, o que vamos ter é a criação de uma maneira de compreendermos o primeiro, que transfere para ele as características do segundo. É essa visão de metáfora que adotaremos em nosso trabalho e, para isso, utilizaremos o conceito metafórico proposto por Lakoff e Johnson (2002), eles passam a concebê-la como uma figura de pensamento. Portanto, a metáfora é vista como sendo conceptual e tendo uma grande importância no pensamento e na ação humana. A partir disso alguns pressupostos são deixados para trás: a) toda linguagem convencional é literal, b) a capacidade de entender as coisas e descrevê-las sem utilizar a metáfora, e c) de que somente a linguagem literal era verdadeira ou falsa.

Assim, os autores mostraram, através de evidências linguísticas, a onipresença da metáfora até mesmo em discursos cotidianos, introduzindo a tese revolucionária de que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas sim uma figura de pensamento, que subjaz não apenas nossa linguagem, mas também nossas ações. Dessa forma, a linguagem surge como um processo de se compreender, legitimar sócio, cognitivamente e linguisticamente um domínio de natureza abstrata (como discussão e tempo) a partir de domínios de natureza mais concreta (guerra e dinheiro) esses que já são legitimados sócio e linguisticamente.

Os autores definem três tipos de metáforas conceituais:

a) Metáforas orientacionais: são aquelas que organizam um sistema de conceitos em relação a outro sistema. “Esses conceitos serão nomeados metáforas orientacionais, já que a maioria delas tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de, fundo – raso, centro – periférico”. (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.59). Como exemplo temos as metáforas **MENOS É PARA BAIXO, MAIS É PARA CIMA**.

b) Metáforas estruturais: nestas um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Temos como exemplo a metáfora **TEMPO É DINHEIRO**.

c) Metáforas ontológicas: estas são projeções características de uma entidade ou substância sobre algo que não possui essas características de maneira inerente. Os autores argumentam que o tipo mais óbvio dessa metáfora são aquelas em que os objetos físicos são concebidos como pessoas. Isso nos faz compreender uma variedade de experiências relacionadas a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. Dessa forma, as entidades estão referindo-se tanto a coisas como a seres, fazendo com que a **PERSONIFICAÇÃO** seja considerada uma Metáfora ontológica. Um exemplo seria a metáfora **A MENTE É UM RECIPIENTE**.

Como estamos utilizando como corpus o discurso político julgamos necessário fazer uma breve introdução sobre a política.

## 2) Política:

Para Chilton (2004) é difícil definir a política em toda sua complexidade. Assim, se considerarmos uma definição partindo do ponto de vista tradicional do estudo da política e dos estudos do discurso político temos dois caminhos. Em primeiro lugar, a política é vista como a luta entre aqueles que querem e resistem ao poder. Já por outro lado, a política pode ser abordada como um meio de cooperação para resolver problemas de disputa de interesses no que diz respeito à questão de dinheiro, influência, liberdade e fatores dessa natureza.

O autor argumenta que também devemos considerar outra dimensão importante, que é estabelecida entre os níveis macro e micro da política.

O macro são as instituições que, em um estado democrático, manifestam-se a partir de constituições, código civil e criminal. Nessas instituições temos os políticos de partidos, profissionais, grupos de interesses e movimentos sociais.

O nível micro seria os conflitos de interesse, esforço para a cooperação entre os indivíduos, gêneros e grupos sociais de vários tipos: “No nível micro utilizamos uma variedade de técnicas para que consigamos as coisas da nossa maneira: persuasão, argumento racional, estratégias irracionais, ameaças, subornos, manipulação – qualquer coisa que pensamos que funcionará”. (JONES, 1994, p.5)

Chilton (ibid) também argumenta que há uma certa estranheza na ausência, nos estudos convencionais da política, de uma reflexão sobre o fato de os comportamentos mencionados acima sobre o nível micro serem realmente tipos de ação linguística – o discurso. Da mesma forma, as instituições do nível macro são tipos de discurso com características específicas como, por exemplo, os debates parlamentares.

Assim, torna-se interessante observarmos que é somente na linguagem e através dela, que alguém pode proferir comando, ameaçar, perguntar, oferecer e prometer (uma vez que o falante tenha recursos para tornar sua fala confiável). Além disso, é através da linguagem, associada às instituições sociais e políticas, que se pode declarar guerra, apontar culpados ou inocentes, aumentar ou diminuir taxas etc.

Uma observação importante que deve ser feita é que o discurso político possui a intenção de persuadir e uma de suas estratégias é construir imagens para criar uma identidade com um ou mais grupos para que eles possam aderi-los e agir de acordo com ele.

### 2.1) **Metáfora e Política:**

Como observa Chilton (ibid) a obscuridade dos fatos políticos decorre do fato de eles não poderem ser observados diretamente através dos sentidos. Portanto, os fatos políticos são elementos não observáveis e a metáfora seria uma maneira de mover-se do observável ao político. As metáforas políticas refletem, assim, a trajetória do nosso conhecimento do observável para o não observável ou do menos obscuro para o mais obscuro.

Talvez uma explicação para o uso metafórico na política seja pelo fato de que como a metáfora é a transferência de significado do familiar para o desconhecido, o uso recorrente da metáfora no discurso político ocorra porque os elementos da política são menos familiares, mais obscuros do que o domínio fonte.

Como, já citado acima, todo conhecimento do mundo é construído discursivamente e como é através do discurso que a linguagem alia-se a ideologia há a necessidade de utilizarmos uma teoria do discurso que nos auxilie em nossa discussão. Optamos em utilizar a Análise Crítica do Discurso (ACD), já que esta envolve uma análise ideológica do conteúdo textual que está implícito e possui como base a proposição de que os textos não podem ser considerados neutros como parecem.

### 3) **Análise Crítica do Discurso:**

A Análise Crítica do Discurso nos conduz para uma variedade de teorias feita entre o diálogo, especialmente, de teorias sociais, de um lado, e a linguística, de outro, assim, sua teoria é uma mistura de sínteses de outras teorias, isto é a sua própria teorização, a mediação entre o social e o linguístico. Dessa forma, para a ACD a complexa relação entre discurso e sociedade não pode ser analisada sem que as propriedades linguísticas e sociológicas sejam combinadas.

A ACD possui um interesse particular na relação entre linguagem e poder. Para ela o discurso – o uso da linguagem falada ou escrita- é visto como prática social. Descrevendo o discurso como prática social implica uma relação dialética entre um evento discursivo particular e a situação, instituição e estrutura social: o evento discursivo é moldado por ele e ele o molda. Isto é, o discurso é socialmente constituído como também socialmente condicionado. Ele é constituído tanto no sentido de que ele ajuda a manter e a reproduzir o status social e também no sentido de que ele o transforma. A prática discursiva pode ter um maior efeito ideológico, ela pode ajudar a produzir e reproduzir a desigualdade na relação de poder entre classe social, mulher e homem, etnia/cultura, maioria e minoria através das formas pelas quais ele representa as coisas e a posição das pessoas.

Portanto, a partir disso, a ideologia, para a ACD, é vista como um importante significado de estabilização e manutenção da desigualdade na relação de poder. A ACD coloca um interesse particular na

forma pela qual a linguagem media a ideologia em uma variedade de instituições sociais. Dessa forma, percebemos a importância de atentarmos para a questão ideológica do discurso, já que como a linguagem não representa, simplesmente, a realidade, mas a constrói, devemos ter em mente que há por detrás dos elementos linguísticos do discurso uma importante relação entre a linguagem, ideologia e poder.

Para Fairclough (2001) a ideologia está intrinsecamente atrelada ao poder e, por isso, ela possui um efeito direto na política de modo geral, e em políticas públicas. Outra questão importante, da dimensão ideológica, que o autor também ressalta, é sua determinação sobre a linguagem e o discurso. Como Chilton (ibid) observa, quando os humanos interagem verbalmente, eles podem estar simplesmente sinalizando papéis sociais, limites e elos, mas muito dessa interação, seja qual for a sua função social, é feita por meio de representações do mundo, inclusive a política.

Para Fairclough (ibid), as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou a transformação das relações de dominação. O autor argumenta que uma questão importante da ideologia diz respeito aos aspectos nos níveis do texto e do discurso que podem ser investidos ideologicamente.

A partir disso, podemos inferir que os elementos linguísticos presentes em um discurso estão investidos de ideologia e não poderia ser diferente com a metáfora. Como Fairclough (ibid) argumenta há a alegação de que os sentidos, e em especial os sentidos das palavras, são ideológicos, mas para ele os sentidos são importantes, mas há outros aspectos semânticos que também são como as pressuposições, metáforas e coerência.

#### 4) Análise:

Começaremos nossa análise com o discurso do Programa fome zero e Instalação do Consea. Nesse discurso é possível observar que o presidente trabalha a questão da fome como se essa fosse uma guerra. Podemos fazer uma interessante analogia com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA proposta por Lakoff e Johnson (ibid), assim, podemos considerar FOME É GUERRA.

Percebemos que ao tratar da fome como sendo uma guerra, o presidente aproxima seu discurso dos ouvintes, já que enxerga a fome como o inimigo e os brasileiros como os soldados que irão combater nessa batalha. Podemos observar essa pressuposição em alguns trechos do discurso:

O programa Fome Zero é complexo. Tão complexo quanto o **inimigo que ele propõe derrotar.**

**E todos, a seu tempo, serão convocados para ajudar nessa guerra.**

**A fome não será vencida** da noite para o dia, nem apenas com algumas medidas isoladas do governo.

**A vitória contra a fome vai exigir muito esforço, muita persistência, muita coragem e dedicação de todos nós**, durante os próximos quatro anos.

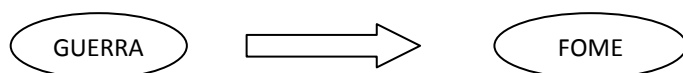
**Sem essa solidariedade espontânea da população**, e sem o engajamento dos governos estaduais, prefeitura e sociedade organizadas, **nós não vamos ganhar essa guerra.**

Respira-se no Brasil de hoje um clima de esperança e de orgulho. A sociedade alimentada demonstra sua **fome de participar.**

Num país do tamanho do Brasil, **iniciar qualquer campanha**, de coleta de alimentos é **uma verdadeira operação de guerra.** E deve ser feita com muito cuidado e planejamento para que todo esse enorme esforço atinja plenamente os objetivos.

Precisamos vencer a fome, miséria e exclusão social. **Nossa guerra não é para matar ninguém- é para salvar vidas.**

Percebemos nesse discurso que Lula transforma o Brasil em um campo de batalha, onde temos um inimigo e os seus combatentes. Ao utilizar essa metáfora Lula faz com que, como foi discutido na seção sobre metáfora, haja a transferência de um domínio para outro:



Assim, temos o domínio fonte, guerra, que transfere algumas de suas características para o domínio alvo, fome. Por isso, ao retratar a questão da fome Lula utiliza palavras como: inimigo, derrotar, vencer, vitória e operação de guerra. Ao recorrer a esse recurso metafórico, o presidente faz com que o seu ouvinte identifique e reconheça essa questão, já que o domínio da guerra é conhecido pela população brasileira, dessa forma, Lula transforma uma questão tão abstrata, como a fome, em um ato mais concreto, como a guerra.

Aqui podemos verificar a importância que as palavras, no caso a metáfora, possuem, já que através delas passamos a agir de forma diferente, combatendo, nesse caso, a fome como um inimigo de batalha.

O discurso proferido no III Fórum Econômico Mundial Lula utiliza outra metáfora, aqui podemos perceber que ele personifica o Brasil, assim, podemos ter: BRASIL É UMA PESSOA. Podemos verificar essa construção nos trechos abaixo:

Onde o resultado da riqueza produzido no país seja distribuído de forma equânime para **todos os filhos desse país**.

O nos **PESSOA** 500 anos ~~fome~~ **olhando** para **BRASIL** tá na hora de **olhar** para a África e para a América



Aqui vamos ter a transferência da característica de uma pessoa, domínio fonte, como ser pai, olhar, para o Brasil que é o domínio alvo. O interessante é que ao fazer essa integração o presidente aproxima de seu discurso os seus leitores, já que estes, como brasileiros, são filhos desse Brasil que tem a necessidade de distribuir de forma justa suas riquezas e de olhar para outros países.

Esses exemplos nos mostram que a criação do sentido, como foi observado na seção de cognição, é fruto da associação entre dois domínios e não através da forma da palavra. Outra questão que devemos levar em consideração é que é através de seu discurso que Lula constrói a realidade que passa para seus interlocutores e como o discurso é investido de ideologia não podemos considerar essas metáforas como neutras, como se sua escolha fosse aleatória. Como Lakoff e Johnson (ibid) colocam elas formam sistemas coerentes os quais conceptualizam nossas experiências.

#### **Conclusão:**

Este artigo pretendeu demonstrar a utilização das metáforas como uma estratégia de legitimação do presidente Lula. Partimos do pressuposto de que elas seriam uma forma de legitimar suas ações, já que as metáforas passaram a serem vistas não mais como um forma de embelezar a linguagem, mas como forma de ação. Percebemos em nossas análises que isso pode ser confirmado, já que ao utiliza a fome como guerra Lula legitima a criação de um novo programa em seu governo, o Fome Zero, e demonstra aos interlocutores a necessidade de lutarmos contra esse inimigo e no segundo exemplo, a personificação do país, podemos observar que o presidente, ao colocar o país como pai os brasileiros tornam-se filhos.

Dessa forma, através dessa sucinta análise, percebemos a importância da metáfora no discurso do presidente, já que através da sua utilização Lula consegue fazer com que seu discurso torne-se mais familiar, mais próximo da realidade da população. Portanto, como Chilton (ibid) observa essa é a utilidade da metáfora na política tornar o discurso, que muitas vezes lida com aspectos mais obscuros, mais claro para o interlocutor e foi o que observamos quando Lula trabalha com a questão da guerra e da personificação do país.

Podemos observar também que é através das metáforas que Lula orienta sua argumentação, já que como colocamos, nenhum discurso é neutro é nele que vamos ter a união da linguagem com a ideologia, percebemos que ao recorrer ao uso metafórico, o presidente demonstra sua visão tanto de seu governo quanto do país. Assim, ao colocar a metáfora FOME É GUERRA Lula demonstra que a situação é complexa e que temos a necessidade da participação de todos e não apenas do governo. Em BRASIL É UMA PESSOA temos a necessidade do país de não olhar apenas para a Europa e voltar-se para o Mercosul.

#### **Referência bibliográfica:**

- CHILTON, P. **Analysing Political Discourse: Theory and Practice**. London: Routledge, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coord. da tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2001.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The Way we Think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FELTES, H.P.M. **Semântica Cognitiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo, 2002.
- MARCURCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 82-145.
- WEISS, G; WODAK, R. **Critical Discourse Analysis**. London: Palgrave Macmillan, 2003.

## Anexos

### **Discurso do Presidente da república no III Fórum Social Mundial**

Será que seria pedir demais para que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras, Paulo, Sérgio e Lucio, para que a gente possa ver as pessoas de trás e as de trás possam ver a gente. Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante de qualquer organização que vai para a rua com a sua bandeira. Eu acho uma coisa fantástica e inusitada. Eu só estou pedindo... Faz tempo que eu não vejo vocês, faz tempo que não me vêem, e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro. Eu quero em primeiro lugar dizer para vocês que é uma alegria maior do que acho que o meu coração comporta de estar outra vez participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza que é esse Fórum Social Mundial. Eu da outra vez que participei aqui fui fazer um debate onde o tema destinado para eu falar era "Um outro Brasil é possível", e eu lembro que naquele instante eu não tinha nem certeza de que seria candidato a presidente da República. E hoje ao participar desse fórum eu participo na posição de funcionário público número um do meu país. Eu quero agradecer à direção desse evento. Eu sei que não é fácil. Eu sei do sacrifício que vocês estão fazendo para fazer essa organização. Eu sei do cuidado que vocês tem com a segurança. Eu agora mesmo, Hadad, estou falando em português e deve ter companheiro aí, francês, inglês, deve ter gente da China, da Índia, que não estão entendendo nada do que eu estou falando. Entretanto aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são pessoas que acreditem no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos que vocês vão entender cada palavra que eu falo. Quero agradecer aqui aos companheiros dirigentes do Fórum, os ministros, mas sobretudo quero agradecer ao povo do mundo inteiro que sem medir sacrifício vem aqui, às vezes sem ter o direito de falar, às vezes sem ter oportunidade de falar, mas vem aqui só para dizer: eu existo como ser humano e eu quero ser respeitado como tal. Eu sempre disse que o maior desejo que eu tinha de ser eleito presidente da República era pra ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações. Eu sou um homem que fiz muitas reivindicações no Brasil, eu exigi muito de cada governo que passou aqui antes de mim como muitos de vocês exigem nos seus países. E o meu desejo de ser presidente da República era o de saber se eleito presidente da República eu serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações. Portanto, eu tenho que me preocupar com aquilo que possíveis adversários falarem. Eu tenho que saber que ao longo da história o movimento social brasileiro, o movimento sindical brasileiro, os partidos políticos do Brasil, as Igrejas do Brasil, as ONGs no Brasil, acumularam muita experiência e junto com essa experiência acumulada tem propostas, tem reivindicações, tem coisas extraordinárias apresentadas. E eu agora tenho quatro anos para que muita, e com muita tranquilidade a gente possa atender, senão todas, aquelas que nós tivermos capacidade e condições de atender. Eu continuo com o meu sonho de fazer a reforma agrária neste país. Eu continuo com o meu sonho de garantir uma escola pública de qualidade para o meu povo. E que a universidade não seja um privilégio de apenas 8% da sociedade, mas que a universidade seja um direito ao alcance de todos. Eu continuo sonhando na possibilidade de fazer uma política de saúde onde nenhum pobre morra mais na porta do hospital por falta de atendimento médico ou por falta de assistência. Eu continuo sonhando em construir uma sociedade justa, solidária, fraterna, onde o resultado da riqueza produzida no país seja distribuída de forma mais equânime para todos os filhos deste país. Entretanto também aprendi ao longo da minha trajetória política, e aprendi com vocês, de que um técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, mas aquele que termina ganhando o jogo a que nos propusemos a jogar. E eu tenho quatro anos, quatro anos, para de forma tranquila, cautelosa... Eu tenho quatro anos de governo pra de forma tranquila e serena ir fazendo as coisas que tem que ser feitas nesse país, quero fazer talvez o governo mais honesto que já houve na história desse país. Um governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade. Quero tratar cada um de vocês como trato o meu caçula de 17 anos. Na hora que eu puder fazer nós faremos, mas na hora que não der para fazer, com a mesma serenidade e com o mesmo carinho, eu quero dizer: companheiro, não dá para fazer. E eu tenho certeza que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso governo aqui no país. E por que é que vou agir assim? Vou agir assim porque eu tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram e que está nas costas dos meus ministros e que está sobretudo nas minhas costas. Embora eu tenho sido eleito presidente do Brasil eu tenho uma nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e sobretudo para a esquerda na América Latina. Eu levanto todo dia pela manhã... Se a Marisa continuar com essa popularidade vai ser candidata a alguma coisa na próxima eleição. Eu levanto todo dia de manhã e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas porque qualquer governo em qualquer país do mundo pode errar que não acontecerá nada porque é muito normal que os governantes errem. Mas eu não posso errar. E não posso errar porque eu não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão, eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro, eu não fui eleito por interesses dos grandes grupos econômicos e eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira no dia 27 de outubro de 2002. Eu sei a expectativa que eu estou gerando nas mulheres, nos homens e nas crianças. Eu nunca vi na história do Brasil tanta expectativa, tanta esperança e tanta gente pedindo a Deus para gente acertar, e tanta gente pedindo não um emprego, mas dizendo para mim: Lula como é que eu faço para ajudar o nosso governo a dar certo. É essa a força da sociedade e é exatamente esse capital político que fez com que a gente pudesse terminar a eleição e gritar bem alto: a esperança finalmente venceu o medo. Eu já estive na Argentina, eu já estive no Chile, eu já estive no Equador e eu sei a expectativa que a América do Sul tem no governo brasileiro. Eu sei a esperança que os responsáveis. E eu volto a

afirmar, nós esperamos tanto para ganhar, nós perdemos tanto, nós sofremos tanto, tanta gente morreu antes de nós tentando chegar lá, que por esse acúmulo de compromisso, eu quero olhar na cara de cada um de vocês e dizer: eu não vou errar e vou fazer um governo voltado para os pobres deste país. Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que era preciso transformar o Fórum num instrumento... primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político, segundo que não fosse utilizado por ninguém. Quando eu fui convidado para vir aqui eu ainda disse para os companheiros: é preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial porque eu serei o primeiro presidente. E me disseram: Lula você pode ir porque você é um anfitrião do Terceiro Fórum Social Mundial. Mas hoje eu já me comprometi publicamente porque um companheiro da Índia, aonde vai ser o próximo fórum social mundial, perguntou a mim numa reunião que eu fiz com a direção mundial do Fórum se eu iria o ano que na Índia e eu disse pra ele eu vou na Índia, se for necessário eu vou na China, e se for necessário eu vou aonde me convidarem porque eu sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos e portanto eu acho que não apenas eu, acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, o que deseja o povo e como o povo quer que as coisas aconteçam. Qual é a novidade? Qual é a novidade deste ano? É que este ano por causa de vocês e por causa do Fórum Social Mundial eu fui convidado para ir a Davos. Se não fossem vocês eu não seria convidado. E aí eu lembrei de uma coisa, quando eu comecei a minha vida sindical, os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam assim pra mim: Lula não entra no movimento sindical porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da carta de "lavoro" de Mussolini e se tu entras no sindicato, tu vai um pelego e não vai conseguir fazer nada. Eu entrei no sindicato e em três anos nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro que hoje é um dos mais importantes do mundo. Em 1979 nós estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas e eu inventei de criar um partido, aí aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra porque na liberdade política deles não pressupunha a criação de um partido político. E havia quem dissesse para mim: olha, no Brasil não cabe um partido como o PT, esse negócio de dizer que partido de trabalhadores pode ser criado, que metalúrgico vai dirigir partido, isso é coisa do passado, não tem na sociologia brasileira exemplos disso ou mundial. Nós fomos teimosos e criamos um partido que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina. Agora eu lembro de uma coisa que eu vou contar para vocês. Em 1978 nós entramos em greve ABC e o presidente da Federação das Indústrias correu no Segundo Exército para dizer ao general Guilhermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. Possivelmente se eu pertencesse a uma organização política mais tradicional eu teria arrumado a mala e teria ido para um outro lugar ficar uma semana até a poeira baixar. Como eu era mais inocente politicamente eu peguei o telefone e liguei para o comandante do Segundo Exército e falei: general Guilhermando, eu estou vendo nos jornais que o senhor convidou o presidente da Fiesp para atender o presidente da Fiesp, eu sou o presidente dos trabalhadores e quero ir falar com o senhor, e ele me atendeu durante três horas. Agora quando surgiu o convite para Davos, a princípio eu falei o que é que eu vou fazer em Davos? E aí eu tomei a seguinte decisão, eu sou o presidente de um país que é a oitava economia mundial, eu sou o presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias, eu sou o presidente de um país que tem história e que tem um povo e não é qualquer dia e qualquer mês e qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto eu tomei a decisão, muita gente que está em Davos não gosta sem me conhecer. Eu quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que está aqui neste palanque, dizer em Davos de que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia e muitos passam cinco dias sem comer no planeta terra, dizer a eles de que é preciso uma nova ordem econômica mundial e que o resultado da riqueza seja distribuída de forma mais justa para que os países pobres tenham a oportunidade de serem menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África tem tanto direito de comer quanto as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina tem tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão. Eu acho que nós temos que fazer o mundo. O que a gente não pode é ficar preso dentro do nosso mundo achando que todo o mal que nos rodeio é por causa de quem está fora. Eu dizia hoje isso é mais ou menos como numa família, e que de repente aparece um filho metido em drogas e ao invés do pai e a mãe discutir e saber aonde é que está o defeito começa a culpa a escola, começa a culpar o vizinho, começa a culpar o namorado, ao invés de sentar e olhar pra dentro do pai e da mãe e perguntarem a si mesmos o que é que nós deixamos de fazer para que o nosso filho não fosse drogado. Nós somos pobres, uma parte pode ser culpa dos países ricos, mas uma parte pode ser culpa de uma parte da elite ou do continente sul-americano que governou de forma subserviente, que governou de forma subalterna este país praticando os casos mais absurdos de corrupção. Só na América Latina nos últimos quatro anos, quatro governantes, Collor, no Brasil, Fujimori, no Peru, Menem, na Argentina, Salinas, no México, saíram por ter praticado verdadeira roubalheira em seus países. E isso não pode continuar acontecendo. Não pode os países ricos querer ajudar os países pobres aceitando depósito ou lavagem de dinheiro de quem rouba dos países pobres. Eu lembro que uma vez tinha um presidente do Zaire, chamado Moputu, e eu lembro que na época a denúncia é que ele tinha US\$ 8 bilhões depositado num país da Europa, e o seu povo estava passando fome. Se os países ricos querem contribuir que eles não aceitem dinheiro do narcotráfico, do crime organizado, e que não aceitem dinheiro dos países em que os governantes praticaram verdadeiros roubos. Que devolva esse dinheiro para ajudar o seu povo. Eu quero, meu querido Hadad, terminar isso aqui dizendo para vocês. Terminar isso aqui dizendo para vocês uma coisa, deixa eu dizer uma coisa para vocês, eu quero dizer para



vocês que o único e mais importante compromisso que eu tenho com vocês é de que vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus para quem é cristão, é que eu possa cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país. Eu quero poder a cada mês, a cada ano, olhar na cara de cada criança, de cada mulher, de cada homem, e dizer nós estamos construindo uma nova nação, nós estamos construindo um novo país. E eu teimo em dizer todo o santo dia: eu ei de realizar um sonho que não é meu, mas um sonho que é de todos vocês, que haverá um dia que nesse país nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida e nenhuma criança acordará sem um café da manhã, haverá um dia em que neste país as pessoas poderão morrer, porque nascemos para morrer, mas ninguém morrerá de desnutrição como morre hoje nesse país. Haverá um dia em que a gente tem que ter a consciência de que este país que eu sonho e que vocês sonham ele pode ser construído, depende da nossa disposição de fazê-lo, depende da nossa coragem, depende da nossa disposição. E eu estou aqui para dizer para vocês, meus companheiros e minhas companheiras do Terceiro Fórum Social Mundial, haja o que houver, aconteça o que acontecer, eu tentarei cumprir cada palavra que está contida no programa de governo que me elegeu para presidente da República deste país. Governar é como uma maratona, você não pode começar a 80 por hora porque o teu fôlego pode acabar na primeira esquina, você tem que dar uns passos sólidos, concretos, para que você possa terminar o governo com a certeza de um dever cumprido. E eu quero poder dizer ao mundo, como seria bom, como seria maravilhoso se ao invés dos países ricos produzirem e gastarem dinheiro com tantas armas, se a gente gastasse dinheiro com pão, com feijão, com arroz para a gente matar a fome do povo. Eu fico imaginando quantos bilhões e bilhões e bilhões de dólares se gasta com uma guerra, soldado matando soldado, soldado matando inocente, e próximo de nós crianças levantando os olhos e mendigando um prato de comida que muitas vezes se joga fora e não dá pra essa criança. Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, eu quero que vocês que são brasileiros e vocês que não são brasileiros, mas que estão aqui, quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês, não faltarei com vocês, não deixarei de fazer as coisas que nós temos que fazer e eu espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo para que a gente possa de uma vez por todas começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, pessoas que tenham mais compromisso, pessoas que acreditem que é possível mudar a história da humanidade. O nosso país durante 500 anos ficou olhando para a Europa, está na hora de olhar para a África e para a América do Sul, está na hora de estabelecer novas parcerias para que a gente possa ser mais independente, fortalecer o Mercosul e estabelecer uma força política para negociar. Nós não podemos aceitar o que está acontecendo durante 40 anos, bloqueio em Cuba, não podemos aceitar que países sejam marginalizados durante séculos e séculos, e nós não podemos aceitar que o Brasil do tamanho que é, continue a cada ano que passa sendo um país que apresente maior índice de pobreza e miserabilidade. Por isso eu não poderia deixar de vir aqui, não poderia deixar de vir aqui e dizer para vocês: valeu a pena gente, e vai valer muito mais a pena quando a gente tiver no último dia do governo e poder provar com dados sobre dados de que nós fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos neste país. Gente, eu quero me despedir de vocês dizendo... Eu quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial pelo amor de Deus não desistam porque vocês conseguiram em três anos construir uma das coisa mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu. Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha antes de existir o Fórum Social Mundial. A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e agora todos vão saber que tem que discutir os problemas sociais. Vocês conseguiram um espaço na história, a imprensa que começou no primeiro fórum a dizer que era um encontro de esquerdistas, a dizer que era um encontro dos malucos do mundo, hoje reconhecem em todos as primeiras páginas dos jornais, o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na história contemporânea, e eu não tenho dúvida nenhuma que ele vai contribuir de forma decisiva para que a gente mude a história da humanidade. Muito obrigado, e até a vitória se Deus quiser companheiros."

### **Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento institucional do Programa Fome Zero e instalação do Consea Palácio do Planalto**

I A instalação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, o Consea, que hoje realizamos, é mais um passo institucional decisivo de meu governo na luta contra a fome. Um passo importante, fundamental, que vai permitir a implantação do Programa Fome Zero em todo o Brasil, com a criação dos Conseas estaduais e municipais. O Consea vem somar-se ao Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, que tive a iniciativa de instituir no primeiro dia do meu governo. O Programa Fome Zero é complexo. Tão complexo quanto o inimigo que ele se propõe a derrotar. Ele reúne um conjunto de ações simultâneas que serão desenvolvidas ao longo dos quatro anos de governo. E é composto por medidas emergenciais e por medidas estruturais, permanentes, aquelas que vão resolver em definitivo o problema. O Fome Zero envolve praticamente todos os ministérios, os governos estaduais, as prefeituras municipais, as entidades da sociedade organizada, as empresas e a população. Todos terão um papel a desempenhar nesse histórico desafio. E todos, a seu tempo, serão convocados para ajudar nessa guerra. Hoje estamos dando um grande passo. E sei que até atingirmos nossa meta, será uma longa caminhada. A fome não será vencida da noite para o dia, nem apenas com algumas medidas isoladas do governo. A vitória contra a fome vai exigir muito esforço, muita persistência, muita coragem e dedicação de todos nós, durante os

próximos quatro anos. Sei que muitos, antes de mim, tentaram enfrentar de algum modo o problema da fome no Brasil. E se não o solucionaram, foi porque essa causa não teve a prioridade que merece nem contou com a indispensável mobilização da sociedade. A fome não é um problema só do Brasil. Ela é hoje um flagelo mundial que castiga bilhões de seres humanos em todo o planeta. Nós, brasileiros e brasileiras, temos a obrigação de fazer a nossa parte. Mas as nações mais ricas também têm que fazer a parte delas. Foi por isso que fiz questão de levar a Davos a causa do combate à fome, para incluí-la na agenda dos países e dos empresários mais ricos do mundo. A luta contra a fome é, na verdade, um passo fundamental para a superação da miséria, da pobreza, da falta de oportunidades e da desigualdade social. E é por isso que o Fome Zero é mais, muito mais do que um programa de doação de alimentos. Essas doações emergenciais são necessárias, mas todos sabemos que não acabam com o problema. É preciso não apenas neutralizar os efeitos da fome, mas sobretudo atacar as suas causas. Vamos criar as condições para que todas as pessoas no nosso país possam comer decentemente três vezes ao dia, todos os dias, sem precisar de doações de ninguém. E quando digo comer, não estou falando apenas de encher a barriga. Isso, as famílias do semi-árido nordestino já fazem precariamente há séculos, dando aos seus filhos os poucos alimentos que possuem, mas sem o mínimo conteúdo nutricional. Porque fome é, sim, falta de comida. Mas é também não ter uma alimentação adequada. Fome é não poder consumir todas as proteínas, vitaminas, calorias e sais minerais que o nosso corpo e a nossa mente precisam para se desenvolver. Que as nossas crianças precisam para estudar e aprender. Que um adulto precisa para se capacitar e trabalhar. É por isso que não adianta apenas distribuir comida. Se não atacarmos as causas da fome, ela sempre irá voltar, como já aconteceu outras vezes em nossa história. O Projeto Fome Zero combina, de um modo novo, o emergencial com o estrutural. É preciso dar o peixe e ensinar a pescar. Ensinar a pescar é criar empregos nas regiões onde hoje existe fome e pobreza. Ensinar a pescar significa melhorar as condições de vida da população. Ensinar a pescar é dar ao povo uma educação de qualidade. É saúde digna. É salário e renda. Ensinar a pescar é fazer a reforma agrária. É incentivar a agricultura familiar. É estimular o cooperativismo, o micro crédito e a alfabetização. Ensinar a pescar é preparar as pessoas para uma profissão e um emprego. É criar condições para que elas se sustentem sozinhas. Ensinar a pescar, enfim, é libertar milhões de brasileiros, definitivamente, da humilhação das cestas básicas. É fazer com que todos, absolutamente todos, possam se alimentar adequadamente sem que para isso precisem da ajuda dos outros. Outro dia vi na televisão um senhor que catava alimentos no lixo. Ele tinha um pedaço de melancia nas mãos. E quando lhe perguntaram porque estava fazendo aquilo, respondeu: "Porque eu tenho fome". E em seguida, abriu um sorriso e disse: "Mas eu sei que o Lula, lá em Brasília, está pensando em alguma coisa para que eu não tenha mais que catar comida no lixo". Esse, senhoras e senhores, é o tamanho do nosso desafio. E terá de ser também, o tamanho do nosso esforço e do nosso trabalho. O Brasil não pode mais continuar convivendo com tanta desigualdade. O povo brasileiro, mesmo com fome, já deu inúmeras provas de seu talento, de sua criatividade, de sua capacidade e de sua tolerância. Minha própria história pessoal é uma prova disso. Imaginem então a nação que seremos, no dia em que todos os brasileiros puderem fazer três refeições ao dia! É por isso que insisto: o Fome Zero não deve ser entendido como mais uma campanha temporária e emergencial contra a fome em algumas regiões do país. Ele é isso também, porque, como dizia o saudoso Betinho, "quem tem fome tem pressa". Quero convocar a todos os prefeitos e a todos os governadores, muitos dos quais nos honram hoje com a sua presença, para se engajarem nessa luta. Sem a participação decidida dos governos estaduais e das prefeituras, será impossível montar a rede de coleta e distribuição de alimentos que os brasileiros de todo o país estão querendo doar. Sem essa solidariedade espontânea da população, e sem o engajamento de governos estaduais, prefeituras e sociedade organizada, nós não vamos ganhar essa guerra. Faço aqui um apelo a todos os municípios, a todas as entidades sociais, aos sindicatos, às comunidades religiosas e às associações dos mais diversos tipos: comecem já, hoje ainda se possível, a criar os Conselhos de Segurança Alimentar em suas cidades. Tomem a iniciativa! Nos Conselhos municipais deve acontecer a soma do poder público e da sociedade organizada. Eles têm uma missão decisiva no Fome Zero. São os que vão identificar as famílias necessitadas. São os que vão orientar as entidades que atuarão diretamente junto à população. São os que vão armar em cada município e em cada bairro, os postos de recepção e distribuição de alimentos. São os que vão zelar para que não aconteçam as velhas e tristes cenas de desvios e desperdícios. Estou seguro de que temos todas as condições necessárias para virar essa página. Respira-se no Brasil de hoje um clima de esperança e de orgulho. A sociedade alimentada demonstra sua fome de participar. É um outro tipo de fome. É fome de dignidade, é fome de saúde, é fome de segurança, é fome de auto-estima. E todos nós, do governo, dos Conselhos, das entidades sociais, das prefeituras e dos governos estaduais, somos responsáveis por manter vivo esse sentimento tão bonito e tão raro de solidariedade geral, de vontade de dar certo. Do empenho, da seriedade e da organização dos Conselhos, vai depender a credibilidade do programa e a continuidade dessa esperança. Quero aproveitar este ato para agradecer às empresas, entidades, personalidades e às pessoas de todo o Brasil que ligam e escrevem oferecendo apoio e perguntando como podem ajudar. Num país do tamanho do Brasil, iniciar qualquer campanha de coleta de alimentos é uma verdadeira operação de guerra. E deve ser feita com muito cuidado e planejamento para que todo esse enorme esforço atinja plenamente os objetivos. Não vamos permitir que o Fome Zero, nesse seu início, venha a ser atropelado por uma avalanche de doações que precisam ser corretamente organizadas. A partir de agora, todos os senhores e senhoras estão convocados a trabalhar, durante os próximos quatro anos, para acabar de vez com essa vergonha nacional que é a fome. *"Fome e guerra não obedecem a qualquer lei natural – são criações humanas."* Esta frase é de um conterrâneo nosso, pernambucano, médico e geógrafo, que foi o fundador e primeiro presidente da FAO, teve duas indicações ao Nobel da Paz, e morreu de saudades do Brasil, exilado na França, durante o regime autoritário.

Estou falando de Josué de Castro, autor do clássico *Geografia da Fome*, que há mais de 50 anos interpelou a consciência da humanidade com a exposição dessa tragédia. Precisamos vencer a fome, a miséria e a exclusão social. Nossa guerra não é para matar ninguém – é para salvar vidas.